

Sujeitos arbitrários e genéricos na diacronia do Português Brasileiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3891>

Crístian Quintanilha Ferreira¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é verificar as estratégias de indeterminação do sujeito no português brasileiro diacronicamente, distinguindo as de referência arbitrária e as de referência genérica, de acordo com as propostas de Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) e de Holmberg e Phimsawat (2017). Com base nessas propostas, distribuímos as estratégias em três grupos, o que possibilita analisar aquelas que de fato estão em variação: (i) eles, se_{arb} e $zero_{arb}$ (arbitrários – referência exclui o falante e o interlocutor); (ii) nós e a gente (genéricos semi-inclusivos – referência inclui o falante, mas não necessariamente o interlocutor); e (iii) você, se_{gen} e $zero_{gen}$ (genéricos inclusivos – referência inclui o falante e o interlocutor). Utilizando uma amostra de cartas pessoais de missivistas nascidos nos séculos XIX e XX, verificamos a implementação de estratégias inovadoras, além das que constam nas Gramáticas Tradicionais (GT), ao longo do tempo para veicular os diferentes graus de referência indeterminada e o aumento da representação plena das estratégias pronominais.

Palavras-chave: sujeitos indeterminados; parâmetro do sujeito nulo; português brasileiro.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; cristianqferreira@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0005-0724-2285>

Arbitrary and generic subjects in the diachrony of Brazilian Portuguese

Abstract

The aim of this work is to investigate the strategies of subject indeterminacy in Brazilian Portuguese diachronically, distinguishing between those of arbitrary reference and those of generic reference, according to the proposals of Marins, Soares da Silva, and Duarte (2017) and Holmberg and Phimsawat (2017). Based on these proposals, we distributed the strategies into three groups, which makes it possible to analyze those that are in fact in variation: (i) *eles*, *se_{arb}*, and *zero_{arb}* (arbitrary – reference excludes the speaker and the addressee); (ii) *nós* and *a gente* (generic semi-inclusive – reference includes the speaker, but not necessarily the addressee); and (iii) *você*, *se_{gen}*, and *zero_{gen}* (generic inclusive – reference includes the speaker and the addressee). Using a sample of personal letters from letter writers born in the 19th and 20th centuries, we verified the implementation of innovative strategies, in addition to those found in Traditional Grammars (TGs), over time to convey the different degrees of indeterminate reference and the increase in the full representation of pronominal strategies.

Keywords: indeterminate subjects; null subject parameter; Brazilian Portuguese.

Introdução

O português brasileiro apresenta uma variedade de estratégias de indeterminação, além das duas que constam nas Gramáticas Tradicionais (clítico *se* e sujeito nulo de terceira pessoa do plural), o que alguns trabalhos têm relacionado à mudança no valor do parâmetro do sujeito nulo (cf. Duarte, 1995; Cavalcante, 1999; Vargas, 2010; Duarte; Marins, 2021). Os estudos, sobretudo aqueles que se debruçam sobre a fala, mostram que as estratégias mais utilizadas atualmente são *você* e *a gente*, formas nominativas preferencialmente plenas, um comportamento não esperado para as línguas de sujeito nulo consistente.

As estratégias de indeterminação, no entanto, não formam uma única variável linguística, uma vez que não veiculam o mesmo significado, apresentando características semântico-discursivas e formais distintas entre elas. Nosso objetivo com o presente artigo é, portanto, focalizar a sintaxe dos sujeitos indeterminados, analisando a variação das estratégias ao longo do tempo, de acordo com o tipo de referência que veiculam, genérica ou arbitrária, e sua representação nula ou plena. Para reagrupar as estratégias e verificar aquelas que de fato estão em variação, utilizamos as propostas de Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) e de Holmberg e Phimsawat (2017), a partir das quais se estabelecem três grupos: (i) as estratégias que veiculam referência arbitrária, que exclui o falante e o interlocutor (*eles*, *se_{arb}*, *zero_{arb}*); (ii) referência genérica semi-inclusiva,

que inclui o falante, mas não necessariamente o interlocutor (*nós, a gente*); e referência genérica inclusiva, que inclui o falante e o interlocutor (*você, se_{gen}, zero_{gen}*). Por hipótese, esperamos encontrar a implementação das estratégias inovadoras nas cartas pessoais para veicular os diferentes graus de indeterminação, substituindo cada vez mais as formas canônicas, e o aumento quantitativo da representação plena (*versus* nula) das estratégias pronominais ao longo do tempo, a fim de capturar a mudança no parâmetro do sujeito nulo no PB em nosso *corpus*.

Em relação ao nosso aporte teórico, utilizamos os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1972; 1994), enquanto uma teoria da variação e mudança que fornece um aparato teórico-metodológico para lidar com os dados empíricos da língua, e da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) como uma teoria linguística necessária para levantar hipóteses, grupos de fatores e melhor explicar os dados obtidos. Tal associação foi proposta por Tarallo (1987) e tem rendido bons frutos desde então para a descrição linguística. O *corpus* utilizado é constituído de amostras de cartas pessoais de missivistas nascidos nos séculos XIX e XX, que fazem parte do Corpus Histórico da Língua Portuguesa (HistLing), organizado por Célia Lopes (UFRJ)². Os missivistas foram distribuídos em sete períodos de tempo de acordo com a data de nascimento, visto que, dentro do quadro teórico gerativista, a mudança ocorre na fase de aquisição da linguagem.

O artigo se organiza da seguinte maneira: feita a introdução, na seção “Português Brasileiro: uma gramática de sujeitos preferencialmente plenos”, serão abordados os trabalhos sobre a remarcação no valor do parâmetro do sujeito nulo. Adiante, na seção “Indeterminação: referência genérica x arbitrária”, serão comentadas as propostas que sustentarão nossa análise na distinção entre referência genérica e referência arbitrária; na seção “Os sujeitos arbitrários e genéricos em perspectiva diacrônica”, serão apresentados os nossos resultados; e na última seção constam nossas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Português Brasileiro: uma gramática de sujeitos preferencialmente plenos

Diferentes estudos em sintaxe têm demonstrado que o Português Brasileiro (doravante PB) passou por uma mudança em relação ao valor do parâmetro do sujeito nulo (PSN). Conseqüentemente, são atestados altos índices de sujeitos plenos e cada vez menos sujeitos nulos nos mais diferentes contextos (cf. Duarte; Marins, 2021), tanto os de referência definida quanto os de referência indefinida/indeterminada. Além disso, verifica-se o uso de novas estratégias de indeterminação do sujeito, sobretudo as formas

² As cartas estão parcialmente disponíveis no *site* do projeto <https://histling.lettras.ufrj.br>.

nominativas plenas *você* e *a gente* na fala, acompanhando a tendência de preenchimento da posição de sujeito.

Dentre esses trabalhos, vale a pena retomar o de Tarallo (1983), que, embora tenha como foco principal as orações relativas, já mostrava uma interessante mudança quantitativa em relação à retenção ou supressão pronominal em posição de sujeito e de objeto direto. Os resultados do trabalho constam na tabela 1.

Tabela 1. Porcentagem de retenção pronominal nas posições de sujeito e objeto direto

	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto direto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

Fonte: adaptado de Tarallo (2018 [1993], p. 66)

Esse resultado mostra praticamente uma inversão em termos percentuais se compararmos o primeiro período e o último. Observamos que, em posição de sujeito, a retenção pronominal é de 23,3% em 1725 e atinge 79,4% em 1981. Em posição de objeto direto, o oposto é atestado: 89,2% de retenção em 1725 e 18,2% em 1981. Dessa forma, o estudo revela que no PB a preferência passa a ser sujeitos expressos e objetos direto (OD) nulos, como no exemplo (1) em que o referente “João” é retomado por uma categoria vazia na função de OD do verbo *escutar* e pelo pronome expresso *ele* na função de sujeito de *falar*.

1. Eu não sei como as pessoas conseguem ouvir [o João] no telefone. Às vezes eu estou do lado dele e não estou escutando \emptyset . Parece que ele não está falando. (SP81-1-k-9/10) (Tarallo, 2018 [1993], p. 64)

Utilizando um *corpus* de peças teatrais populares dos séculos XIX e XX, Duarte (1993) relaciona a mudança na expressão dos sujeitos à redução do paradigma flexional. A partir dos dados obtidos, a autora observa a existência de três paradigmas, exemplificados no quadro 1.

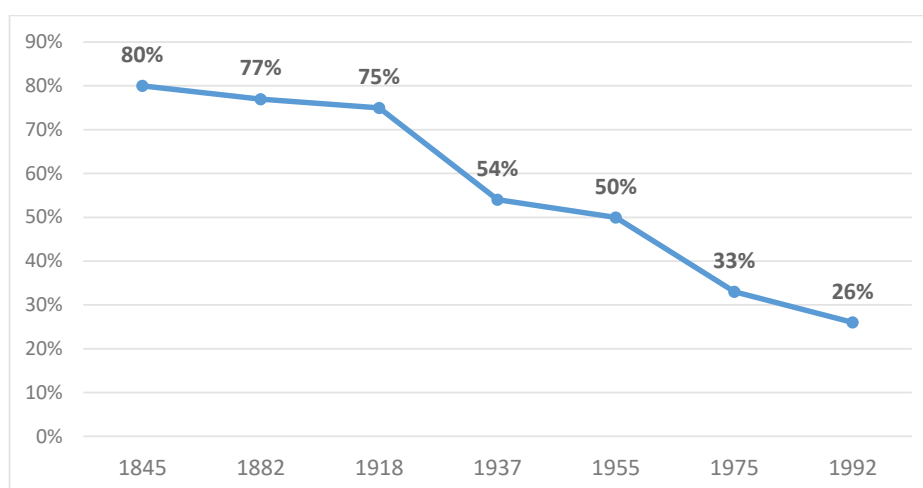
Quadro 1. Redução do paradigma flexional no Português Brasileiro

	Pronomes nominativos	Paradigma 1 Séc. XIX	Paradigma 2 Séc. XX/1	Paradigma 3 Séc. XX/2
1PS	Eu	cant <u>o</u>	cant <u>o</u>	cant <u>o</u>
1PP	Nós	cant <u>amos</u>	cant <u>amos</u>	cant <u>amos</u>
	a gente	-	cant <u>a</u> ∅	cant <u>a</u> ∅
2PS	Tu	cant <u>as</u>	cant <u>as</u>	cant <u>a</u> (s)
	Você	-	cant <u>a</u> ∅	cant <u>a</u> ∅
2PP	Vós	cant <u>ais</u>	-	-
	Vocês	cant <u>am</u>	cant <u>am</u>	cant <u>a</u> (m)
3PS	ele, ela	cant <u>a</u> ∅	cant <u>a</u> ∅	cant <u>a</u> ∅
3PP	eles, elas	cant <u>am</u>	cant <u>am</u>	cant <u>a</u> (m)

Fonte: Adaptado de Duarte (2018 [1993], p. 85)

Foi verificado que no Paradigma 1 havia seis formas verbais distintas, que se reduz a três e às vezes quatro formas no Paradigma 3, após a entrada de *você* e *a gente* no quadro pronominal. Além disso, enquanto o Paradigma 1 estava em vigor, nas peças de 1845 a 1918, observou-se os maiores índices de sujeito nulo: 80%, 77% e 75%. Nas peças de 1937 e 1955, quando estamos diante do Paradigma 2, os índices caem para 54% e 50%, respectivamente. Por fim, quando a redução do paradigma flexional atinge seu ápice, com o Paradigma 3, os índices de sujeitos nulos caem para 33% e 26% em 1975 e 1992.

Gráfico 1. Sujeitos nulos (vs. expressos) ao longo do tempo em peças teatrais



Fonte: Adaptado de Duarte (2018 [1993], p. 88)

No âmbito da fala, Duarte (1995) argumenta que o PB perdeu o Princípio Evite Pronome (Chomsky, 1981) que, em resumo, postula que nas línguas *pro-drop* os sujeitos pronominais devem ser nulos sempre que sua plena identificação seja possível. O resultado de seu trabalho mostra uma clara preferência por sujeitos expressos na fala culta carioca, mesmo em contextos em que um sujeito nulo seria esperado numa língua [+sujeito nulo]: 71% de sujeitos plenos contra 29% nulos. Os exemplos abaixo foram retirados desse trabalho.

2. Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha.

3. Aí **vocês** vão entrar em atrito porque **vocês** vão começar a brigar.

4. Essa minha tia que mora aqui, **ela** é solteirona e eu acho que **ela** é super feliz, sabe? Eu não acho que **ela** seria feliz assim... **Ela** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela** ficou solteira porque **ela** quis.

O trabalho de Duarte (1995) mostra ainda que um dos “efeitos colaterais” dessa mudança foi o surgimento de novas estratégias de indeterminação do sujeito, além das duas canônicas que constam nas Gramáticas Tradicionais (*se* e sujeito nulo de terceira pessoa do plural), sobretudo as formas expressas *você* e *a gente* na fala dos mais jovens. Além disso, foi atestado um índice de 65% de sujeitos indeterminados preenchidos (exemplos 5, 6, 7 e 8), uma porcentagem bem parecida com a dos sujeitos de referência definida.

5. Quando **você** é menor, **você** não dá muito valor. **Você** acha que criança é só pra encher o saco, né? [...] Na fase que **você** ‘tá na adolescência, **você** ‘tá na praia, vem criança, te joga areia, **você** não vai entender que, pô, isso é da criança.

6. Hoje em dia, quando **a gente** levanta as coisas, é que **a gente** vê tudo o que aconteceu. Mas na época **a gente** não podia acreditar [...]. **A gente** não acreditava nisso, primeiro porque **a gente** era novo.

7. O que eu acho de fundamental importância é [...] que se dê prioridade ao trabalho técnico pra que a gente deixe o aspecto político partidário para uma segunda etapa, quando **nós** já tivermos um resultado prático da ação das áreas técnicas. [...]. (Rádio)

8. O Grajaú **eles** ‘tão asfaltando, melhorando também. [...] Aquela rua Teodoro da Silva, **eles** ‘tão recapeando ela também. A Avenida das Américas, **eles** ‘tão recapeando ela toda, né?!

Dentre essas novas estratégias, destaca-se ainda a que Duarte (1995) chamou de estratégia “zero”, caracterizada pelo uso de um sujeito nulo associado a uma forma verbal na terceira pessoa do singular com referência indeterminada (9, 10), uma característica primeiramente notada por Galves (1987) e analisada por outros estudos posteriormente (cf. Cavalcante, 2007; Lunguinho; Medeiros Júnior, 2009). Essas construções não são possíveis no Português Europeu (PE) nem em outras línguas do grupo românico e vêm

sendo utilizadas por alguns autores na literatura como argumento para a inclusão do PB no grupo de língua de sujeito nulo parcial (cf. Holmberg, 2010), embora isso não seja um consenso (cf. Duarte; Marins, 2021).

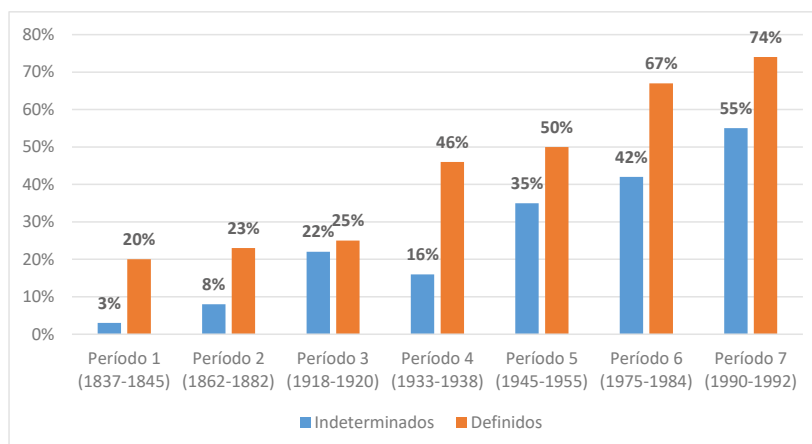
9. Nos nossos dias não \emptyset *usa* mais saia. (Galves, 2001)

10. Antigamente tinha... \emptyset *punha* a mesa pra tomar lanche ... quando eu era criança, punha-se a mesa pra tomar lanche... quatro horas \emptyset *punha* a mesa. (Duarte, 1995).

Cavalcante (1999) verificou que essas estratégias de indeterminação inovadoras já estavam sendo implementadas também na escrita padrão ao analisar textos jornalísticos dos séculos XIX e XX, embora tenha sido atestada uma curva ascendente no uso de se ao longo do tempo, muito provavelmente em decorrência da pressão normativa sobre esse domínio discursivo. Além disso, apesar de não atestar um grande aumento nos índices de sujeitos indeterminados plenos no geral, observou-se que houve um aumento significativo nas crônicas nos dois últimos períodos (entre 1964-1968 e 1996-1998), de 7% para 34%, enquanto nos editoriais e nos artigos de opinião os índices permaneceram relativamente estáveis. De acordo com a autora, isso ocorre porque a crônica é menos formal em relação aos outros dois gêneros analisados e, portanto, constitui um contexto mais propício para a implementação das mudanças já ocorridas na fala.

Utilizando o mesmo *corpus* de peças teatrais de Duarte (1993), Vargas (2010) também verifica a implementação das novas estratégias de indeterminação e preferência por sujeitos indeterminados expressos. O gráfico 2 mostra uma comparação entre a expressão dos sujeitos de referências definida e indeterminada nas peças, com base nos resultados de Duarte (1993) e Vargas (2010).

Gráfico 2. Expressão plena (vs. nula) dos sujeitos de referências definida e indeterminada ao longo do tempo em peças teatrais



Fonte: elaboração própria com base nos resultados de Duarte (1993) e Vargas (2010)

Em suma, as pesquisas mostram que o PB passou por uma mudança na marcação do valor do parâmetro do sujeito nulo e é atualmente caracterizado como uma gramática de sujeitos preferencialmente expressos. Conseqüentemente, novas estratégias de indeterminação são utilizadas, como *você* e *a gente*, também preferencialmente expressas.

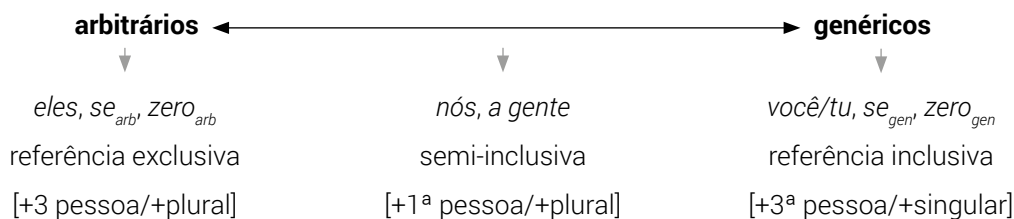
Indeterminação: referência genérica x arbitrária

Até aqui, viemos chamando o nosso objeto de estudo de sujeitos “indeterminados”. Entretanto, este é um termo que abrange diferentes graus de indeterminação, sendo possível distinguir os sujeitos de referência genérica e os de referência arbitrária. Levando em conta aspectos formais, Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) propõem uma análise gradiente das estratégias de indeterminação com base nos traços-*phi*. O resultado é um *continuum* em que numa extremidade estão as estratégias que veiculam a referência arbitrária, que apresentam os traços-*phi* [+3ª pessoa / +plural] (*eles*, *se_{arb}* e *zero_{arb}*), e, na outra, as que veiculam referência genérica, com os traços [+3ª pessoa / +singular] (*você*, *se_{gen}* e *zero_{gen}*). Entre os dois extremos da escala, há ainda as estratégias de referência genérica com os traços [+1ª pessoa / +plural] (*nós* e *a gente*), que apresentam uma referência um pouco mais específica. Os autores, no entanto, chamam atenção ao fato de que, quando a estratégia apresenta o traço [+3ª pessoa], como *se* e *zero*, outros traços, como o de perfectividade, podem estar em jogo para definir uma leitura arbitrária ou genérica.

Já observando aspectos semântico-discursivos, Holmberg e Phimsawat (2017) também propõem uma tripartição que divide as estratégias em três grupos: inclusivos, semi-inclusivos e exclusivos. Assim, são chamadas de “inclusivas” as estratégias cuja referência inclui tanto o falante quanto o interlocutor; de “semi-inclusivas” as que necessariamente incluem o falante, mas podem ou não incluir o interlocutor³; e de “exclusivas” as que excluem tanto o falante quanto o interlocutor.

Consideramos que ambas as propostas não se anulam e, pelo contrário, se complementam, assim como mostram Duarte e Marins (2021). A conciliação das duas propostas pode ser melhor esquematizada no gradiente a seguir.

3 Repare que a sentença “we like smoked fish in Finland” (“nós gostamos de peixe defumado na Finlândia”), retirada de Holmberg e Phimsawat (2017), apresenta uma leitura que pode ser parafraseada como “nós, finlandeses, em geral, gostamos de peixe defumado”, e, se proferida por um finlandês a um estrangeiro, a referência de *we* inclui necessariamente o falante, mas não o seu interlocutor.



Vale ainda mencionar que as estratégias *se* e *zero* podem ter referência tanto genérica quanto arbitrária.

11. Imagine que cheguei até aonde **se_{gen}** pode chegar. (03-IPFM-11-07-1920)
12. Aqui com 16 anos já \emptyset _{gen} pode dirigir! (ML-08-09-1978-A)
13. Faz que **se_{arb}** celebre as Missas gregorianas pelo descanso de sua alma. (07-rPFM-28-09-1919)
14. Hoje de manhã fomos a missa, mas desta vez foi num parque, porque era dia festivo. É engraçado porque primeiro \emptyset _{arb} serve comida e depois há celebração. (ML-22-07-1978)

Em (11), *se* se refere a qualquer pessoa, isto é, pode-se dizer que a missivista chegou até o ponto máximo a que qualquer pessoa pode chegar. Da mesma forma, em (12), a estratégia *zero* tem como referência qualquer pessoa a partir de 16 anos e a possibilidade de elas já poderem dirigir no local em que a missivista se encontra (neste caso, nos Estados Unidos, para um intercâmbio). Por fazer referência a um grupo de indivíduos *quasi*-universal, incluindo o próprio falante/missivista e o seu interlocutor, a referência de *se* e *zero* em (11) e (12) é genérica. Por outro lado, em (13), *se* faz referência a alguém não especificado que será responsável pela celebração das missas gregorianas, e, em (14), *zero* se refere a alguém, também não especificado, que serve a comida. Repare ainda que, em ambos os exemplos, o falante e o interlocutor são excluídos da referência. Portanto, em (13) e (14) as estratégias apresentam referência arbitrária.

Os resultados de fala, tanto de Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) quanto de Duarte e Marins (2021), mostram que atualmente existe uma estratégia preferida para veicular cada tipo de referência no PB, preferencialmente as formas pronominais plenas. Isto é, *eles* é a mais utilizada para a referência arbitrária, *a gente* para a genérica semi-inclusiva, e *você* para a genérica inclusiva, o que vai ao encontro da hipótese de remarcação do parâmetro do sujeito nulo no PB. Resta observar a variação entre as estratégias de cada grupo sob uma perspectiva diacrônica a fim de capturar a implementação da mudança paramétrica, o que esse trabalho se propõe a fazer.

Os sujeitos arbitrários e genéricos em perspectiva diacrônica

Nesta seção, serão apresentados os nossos resultados sobre as estratégias de indeterminação nas cartas pessoais, com respeito ao tipo de referência que veiculam em cada subseção. Serão dados exemplos e em seguida os resultados quantitativos. Primeiramente, comentaremos os sujeitos arbitrários.

Os sujeitos arbitrários – referência exclusiva (*eles*, *se_{arb}*, *zero_{arb}*)

15. Eu passei na escola! Tive que estudar muito. Aqui **eles** tratam os bolsistas como um estudante comum. (ML-03-06-1979)

16. Hoje haverá procissão solemne, na qual **se_{arb}** levará a veneranda imagem, e á qual acompanharão alem de sete bispos, muitas pessoas gradas e illustres. (18-fPFM-07-03-1921)

17. Na conversa com as amigas soube q. ela exigiu na hora do parto, qdo já anestesiada na espinha q, \emptyset_{arb} a cortasse para q. \emptyset_{arb} cosesse e ela ficasse como se fosse virgem, o médico ficou pasmo, mas achou q. ela tem razão, faz tudo de uma vez. (107-FB-22-01-1980)

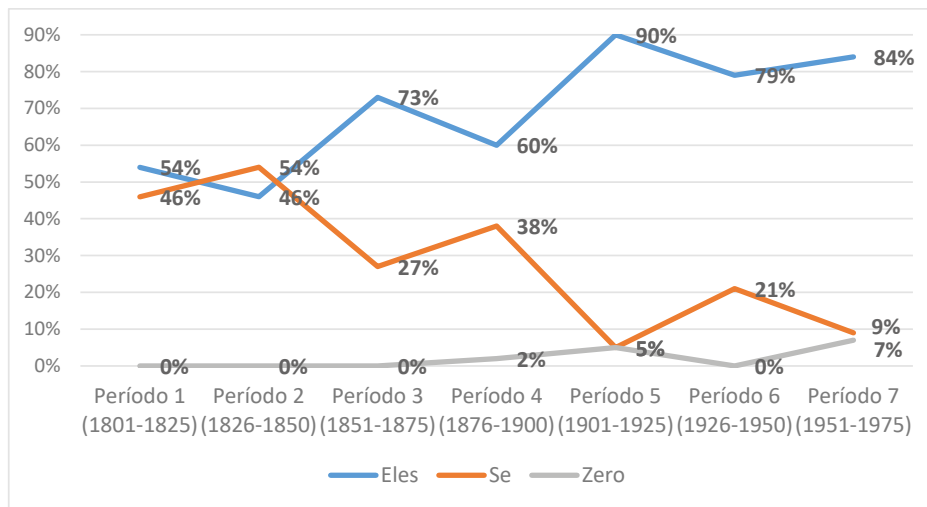
Tabela 2. Estratégias de referência arbitrária ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Eles	54% (13/24)	46% (19/41)	73% (27/37)	60% (58/97)	90% (34/38)	79% (45/57)	84% (61/73)
Se_{arb}	46% (11/24)	54% (22/41)	27% (9/37)	38% (37/97)	5% (2/38)	21% (13/57)	9% (7/73)
Zero_{arb}	-	-	-	2% (2/97)	5% (2/38)	-	7% (5/73)

Fonte: Elaboração própria

Observamos que, nos dois primeiros períodos, as estratégias *eles*, quase categoricamente nulo, e *se_{arb}* pareciam se alternar para expressar referência arbitrária, um comportamento esperado para as línguas de sujeito nulo consistente (Duarte; Marins, 2021, p. 11). A partir do Período 3, passamos a observar cada vez mais a preferência pela forma *eles*, que permanece com índices relativamente estáveis nos três últimos períodos. Por outro lado, a estratégia *se_{arb}* vai caindo em desuso cada vez mais, atingindo índices abaixo de 10% nos períodos 5 e 7. Finalmente, é válido mencionar que, no período 4, surgem os primeiros dados da estratégia *zero_{arb}*, que, apesar de apresentar índices baixos, é uma característica inovadora que afasta mais ainda o PB do PE e das outras línguas românicas. Esses resultados também estão ilustrados no gráfico 3, em que fica mais visível a curva ascendente de *eles* sobre as outras estratégias.

Gráfico 3. Sujeitos arbitrários (referência exclusiva) ao longo do tempo em cartas pessoais



Fonte: elaboração própria

É importante mencionar ainda que, a partir do Período 5, a estratégia *eles* passa a ser cada vez mais representada como um pronome pleno (exemplos 18, 19, 20), chegando a 46% de preenchimento no último período, conforme mostra a tabela 3. Esse resultado é interessante porque mostra a perda das estratégias “canônicas” que constam nas Gramáticas Tradicionais (claramente baseadas no PE), *se* e sujeito nulo + verbo na terceira pessoa do plural, e o que podemos dizer que é a emergência, na escrita, de uma gramática própria de um português brasileiro, com sujeitos preferencialmente expressos.

18. O frio este ano está ótimo disem **eles**. (109-FB-02-02-1980)

19. A faculdade tá um horror, cada dia se sente mais falta de técnica e **eles** só dão técnica na teoria. É um absurdo. (CL-24-03-1981)

20. Inverno na Europa é fôgo. **Eles** vivem dizendo q. Brasil é subdesenvolvido, até parece o contrário. (108-FB-29-01-1980)

Tabela 3. Representação nula e plena da estratégia “eles” ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nulo	100% (13/13)	95% (18/19)	93% (25/27)	98% (57/58)	76% (26/34)	62% (28/45)	54% (33/61)
Pleno	0% (0/13)	5% (1/19)	7% (2/27)	2% (1/58)	24% (8/34)	38% (17/45)	46% (28/61)

Fonte: elaboração própria

Os sujeitos genéricos semi-inclusivos (*nós, a gente*)

21. Eu, em negócios de saúde, nem vale á pena falar - é quasi sempre a mesma cousa: **nós** nascemos para soffrer! "É a vida"... (08-gPFM-22-01-1920)

22. Aqui, quando **a gente** vai ter o 1º filhos os amigos dão esta festa e cada um dá um presente para o bebê. (ML-22-04-1979)

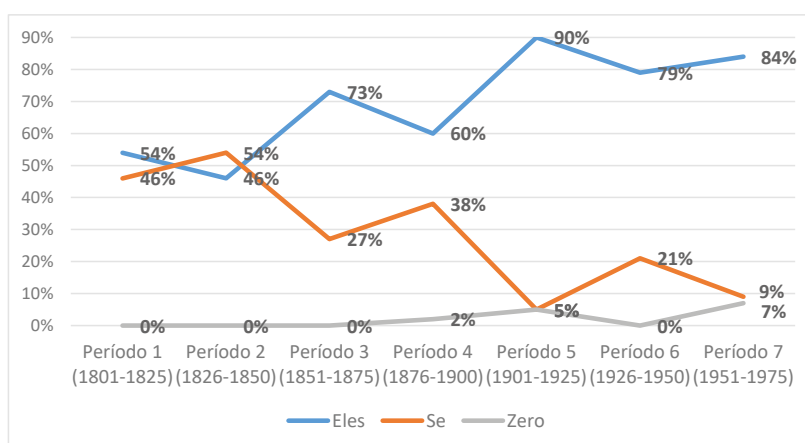
Tabela 4. Sujeitos de referência genérica semi-inclusiva ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nós	100% (7/7)	100% (10/10)	96% (26/27)	72% (26/36)	81% (13/16)	90% (44/49)	33% (25/75)
A gente	0% (0/7)	0% (0/10)	4% (1/27)	28% (10/36)	19% (3/16)	10% (5/49)	67% (50/75)

Fonte: Elaboração própria

Em relação a esse grupo de estratégias, observamos que nos dois primeiros períodos só há ocorrência de uma das variantes, *nós*, categoricamente nulo. A partir do Período 3, começam a aparecer dados da forma *a gente*, que ultrapassa o uso de *nós* no último período com 67% das ocorrências. Esse é um resultado que vai ao encontro dos trabalhos sobre a inserção de *a gente* no quadro pronominal do PB, que ultrapassa o uso de *nós* (cf. Lopes, 1999), e também com os trabalhos sobre sujeitos indeterminados, que mostram uma grande produtividade dessa estratégia, principalmente na fala (cf. Duarte, 1995; Vargas, 2010; Duarte; Marins, 2021).

Gráfico 4. Sujeitos genéricos semi-inclusivos ao longo do tempo em cartas pessoais



Fonte: Elaboração própria

É necessário chamar atenção ao fato de que, no Período 6, há uma recuperação da estratégia *nós*, que apresenta 90% das ocorrências, como mostra o gráfico 6. Analisando qualitativamente os dados, percebemos que 42 dos 44 dados dessa estratégia foram encontrados nas cartas de uma só missivista, dos quais 18 ocorrências apresentam verbos auxiliares modais, sendo a maioria delas construções com “temos que” (exemplos 23 e 24). Portanto, esse resultado parece estar ligado ao tipo de conteúdo das cartas dessa missivista, que narra para sua família no Brasil a sua vida após se mudar para Paris em busca de melhores oportunidades de emprego, tirando sempre desse contexto uma lição de moral.

23. Bom, aqui **Ø temos que** saber coletar nossos trocados pois a vida é uma loucura de cara. (20-FB-16-09-1971)

24. Pensamos D. e eu, que na vida, quando **Ø** somos jovens **Ø temos que** nos arriscar. (104-FB-18-01-1980)

Mais uma vez, o que verificamos é o crescente uso de estratégias pronominais expressas, visto que *a gente* é predominantemente representada como um pronome pleno, enquanto *nós* é representada como nulo na maioria das vezes, muito provavelmente por conta de estar associada a uma forma verbal com morfema de número e pessoa distintivo e forte (-mos). A tabela 4 mostra os índices de representação plena e nula das duas estratégias ao longo do tempo.

Tabela 5. Representação nula e plena das estratégias “nós” e “a gente” ao longo do tempo em cartas pessoais

		P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nós	Nulo	100% (7/7)	100% (10/10)	100% (26/26)	85% (22/26)	77% (10/13)	93% (41/44)	100% (25/25)
	Pleno	0% (0/7)	0% (0/10)	0% (0/26)	15% (4/26)	23% (3/13)	7% (3/44)	0% (0/25)
A gente	Nulo	-	-	0% (0/1)	60% (6/10)	0% (0/3)	0% (0/5)	10% (5/50)
	Pleno	-	-	100% (1/1)	40% (4/10)	100% (3/3)	100% (5/5)	90% (45/50)

Fonte: Elaboração própria

Os sujeitos genéricos inclusivos (*você*, *se_{gen}*, *zero_{gen}*)

25. O que é gostoso de comida aqui é que **você** come todo dia guloseimas. Mas a comida de sal! Não presta! (ML-02-08-1978)

26. Deixo de ir ahi para pessoalmente combinarmos, pra aproveitar a época da Exposição onde muito **si_{gen}** aprende e por isso só a 24 de Fev irei. (14-AP-6-1-1908)

27. Já **Ø** estamos no outono, mas não está tão frio. De manhã, **Ø_{gen}** precisa colocar algum casaco. É um frio gelado, imagine no inverno! (ML-27-09-2978)

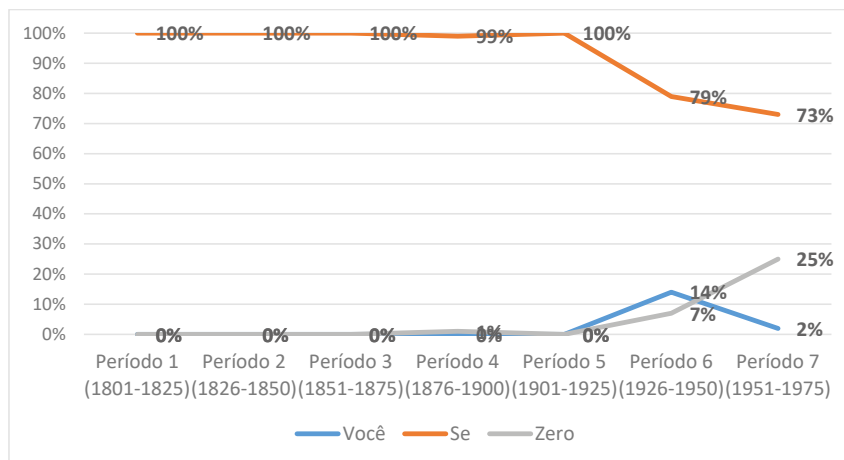
Tabela 6. Sujeitos genéricos inclusivos ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Se	100% (17/17)	100% (24/24)	100% (27/27)	99% (66/70)	100% (38/38)	79% (34/43)	73% (52/71)
Zero	-	-	-	1% (1/70)	-	7% (3/43)	25% (18/71)
Você	-	-	-	-	-	14% (6/43)	2% (1/71)

Fonte: Elaboração própria

Para veicular a referência genérica inclusiva, verificamos que a estratégia *se_{gen}* foi a mais produtiva em todos os períodos, tendo índices categóricos até o Período 5. Temos um resultado interessante que mostra que este parece ter sido um contexto de resistência ao desuso do clítico *se* indefinido. Enquanto para a referência arbitrária, esse clítico tem uma queda brusca no Período 5, atingindo 5% das ocorrências (cf. tabela 2), para a referência genérica inclusiva, seu uso ainda mantém índices altos, acima dos 70% mesmo nos dois últimos períodos. Em relação à estratégia *você*, só começam a aparecer dados no Período 6, representando 14% e 2% das ocorrências nos dois últimos períodos. Por fim, a estratégia *zero_{gen}* aparece primeiramente no Período 4, com uma ocorrência, e depois volta a aparecer nos períodos 6 e 7, com índices de 7% e 25%, respectivamente. Esse resultado pode indicar um contexto favorecedor da estratégia *zero*, visto que apresenta maiores índices para veicular referência genérica inclusiva do que para a referência arbitrária.

Gráfico 5. Sujeitos genéricos inclusivos ao longo do tempo em cartas pessoais



Fonte: Elaboração própria

Por fim, é preciso tomar cuidado ao interpretar esse resultado, pois, a princípio, pode parecer que $zero_{gen}$ seria a estratégia substituta de se_{gen} . No entanto, quando comparamos esse resultado com os trabalhos de fala, vemos que atualmente a estratégia de referência genérica inclusiva mais utilizada é *você* (cf. Marins; Soares da Silva; Duarte, 2017; Duarte; Marins, 2021), uma forma predominantemente plena, conforme mostra a tabela 5 com os dados que obtivemos, um resultado esperado para uma gramática de sujeitos preferencialmente expressos.

Tabela 7. Representação nula e plena da estratégia “você” ao em cartas pessoais

	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nulo	17% (1/6)	0% (0/1)
Pleno	83% (5/6)	100% (1/1)

Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

Em suma, verificamos uma variedade de estratégia de indeterminação do sujeito nas cartas pessoais, além de *se* e sujeito nulo + verbo na terceira pessoa do plural, formas canônicas que constam nas Gramáticas Tradicionais. Analisando as estratégias pelo tipo de referência que veiculam, obtivemos os seguintes resultados: (i) para veicular referência arbitrária, a estratégias *eles*, que na primeira metade do século XIX tinha índices bem

parecidos com os de se_{arb} , passa a ser a mais utilizada, alcançando índices em torno de 80% a partir do século XX. (ii) Para a referência semi-inclusiva, observamos que, nos dois primeiros períodos, só há ocorrências de *nós*, até que, a partir da segunda metade do XIX, surgem os primeiros dados de *a gente*, que passa a ser a estratégia mais utilizada no último período. (ii) Se_{gen} foi a estratégia de referência genérica inclusiva mais utilizada em todos os períodos nas cartas pessoais, com índices categóricos até o primeiro quartel do século XX, atingindo índices ainda altos, acima de 70%, nos dois últimos períodos.

Além disso, atestamos maiores índices de representação plena das estratégias pronominais (*versus* representação nula) ao longo do tempo. *Eles* passa a ser cada vez mais representada por um pronome pleno a partir do século XX, bem como as estratégias *a gente* e *você* são quase categoricamente preenchidas, o que vai ao encontro de nossas hipóteses e pode revelar mais um indício de que o PB passou a se caracterizar como uma gramática de sujeitos preferencialmente preenchidos, como demonstram os diferentes trabalhos de fala. Vale mencionar ainda a possibilidade da estratégia *zero* para veicular referência arbitrária e genérica inclusiva, o que afasta ainda mais o PB do PE e das línguas românicas. Por se tratar de um sujeito nulo e inovador ainda possível, essa última estratégia chama ainda um pouco mais nossa atenção e será mais aprofundada futuramente em nossa agenda de trabalho.

Nossos próximos passos são verificar os contextos que resistem à implementação do preenchimento dos sujeitos indeterminados e analisar mais detalhadamente as características da estratégia *zero*.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado que financiou minha pesquisa. Também não posso deixar de agradecer à minha orientadora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante por tudo, pois sem ela nada disso seria possível.

Referências

CAVALCANTE, S. R. O. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 63-82, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3851>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CAVALCANTE, S. R. O. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

DUARTE, M. E. L.; MARINS, J. E. Brazilian Portuguese: a 'partial' null subject language?. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas. v. 63, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661660>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1995.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 2018 [1993]. p. 83-104.

GALVES, C. M. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C. M. C. A sintaxe do português brasileira. *Ensaio de Linguística*, v. 13, p. 31-49, 1987.

HOLMBERG, A.; PHIMSAWAT, On-Usa. Truly minimal pronouns. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, UFRJ, v. 19, n. esp., p. 11-36, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/13512>. Acesso em: 13 nov. 2024.

HOLMBERG, A. Null subject parameter. In: HOLMBERG, A. et al. (org.). *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010. p. 88-124.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Oxford, UK/Cambridge, MA.: Blackwell. 1994.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, C. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LUNGUINHO, M. V.; MEDEIROS JÚNIOR, P. Inventou um novo tipo de sujeito: características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro. *Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão-SE. v. 9, p. 147-191, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1141>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MARINS, J. E.; SOARES DA SILVA, H.; DUARTE, M. E. L. Revisiting Duarte (1995): for a Gradient Analysis of Indeterminate Subjects in Brazilian portuguese. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 140-172, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/13602>. Acesso em: 13 nov. 2024.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 2018 [1993]. p. 55-82.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, UFMG, v. 13, p. 51-84, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/8009>. Acesso em: 13 nov. 2024.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado) – Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, 1983.

VARGAS, A. S. de C. *Estratégias pronominais de indeterminação: um estudo diacrônico*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (Tradução da edição original de 1968, por Marcos Bagno) São Paulo: Parábola Editorial. 2006 [1968].